

OSAN¹

Tradução: Ariel Lara de Oliveira²
Revisão: Tomoko Kimura Gaudioso³

I

Ele saía de casa como uma pessoa abandonada pelo espírito, nem sequer se ouvia o som de seus passos. Na cozinha, lavando os pratos da janta, senti de repente um arrepio na espinha. Quase deixei o prato cair da minha mão. Suspirei, triste, e, sem pensar, inclinei-me, olhando para fora da janela da cozinha. Na viela, seguindo a cerca-viva com os galhos de abóbora crescendo emaranhados, ia meu marido, usando o velho e fino *obi*⁴ enrolado em volta de seu *yukata*⁵ branco, já desbotado. Flutuava levemente pelo escuro da noite de verão, como algo que não pertencesse a esse mundo. Fiquei ali, assistindo a sua figura triste e miserável caminhar para longe.

— Onde vai o papai?— perguntou, inocente, nossa filha mais velha, enquanto lavava os pés no balde da cozinha depois de brincar no jardim. Ela sempre preferira o pai a mim. Toda noite, no quarto de seis *tatami*, ela estendia seu *futon* ao lado do do pai, para dormirem sob a mesma rede de mosquito.

— Para o templo— respondi a primeira coisa que me veio à mente. Assim que a resposta saiu de minha boca, vaga e sem cuidado, voltei a sentir calafrios, como se percebesse algo de mau-presentimento nas palavras.

— Templo? Fazer o quê?

— É o *O-Bon*⁶, lembra, Masako? O papai foi fazer a visita ao templo.

¹ “Osan” [おさん]. Publicado originalmente em outubro de 1947, na revista *Kaizô*.

² Ariel Lara de Oliveira é Mestre em Comunicação e Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como tradutor e professor de língua japonesa. E-mail: <emaildoarieloliveira@gmail.com>.

³ Tomoko Kimura Gaudioso é professora de Língua Japonesa e Tradução da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui mestrado em Sociedade e Estado em Perspectiva de Integração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é doutoranda em História pelo programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Japonesa, atuando principalmente nos seguintes temas: haikai, poesia japonesa moderna, língua japonesa e estudos antropológicos dos imigrantes japoneses no Rio Grande do Sul. E-mail: <tomokogaudioso@yahoo.com.br>.

⁴ *Obi*. Espécie de cinto usado para prender o quimono.

⁵ *Yukata*. Vestimenta japonesa tradicional do verão, mais aberto, fresco e casual que um quimono formal.

⁶ *O-Bon*. Importante tradição budista, período em que se celebra os antepassados. Festival típico do verão, lanternas são penduradas para guiar os espíritos dos ancestrais e é muito comum fazer visitas a cemitérios.

Curiosamente, as mentiras vinham fácil. Mas de fato era treze de julho, o primeiro dia do Festival dos Mortos. Todas as outras meninas estavam saindo de suas casas para brincar, vestindo lindos quimonos, com as mangas balançando elegantemente pelas ruas. Como os quimonos de meus filhos tinham sido queimados durante a guerra, mesmo no *O-Bon* eles tinham que vestir apenas as mesmas velhas roupas ocidentais de todo dia.

— Ah, é? Será que ele volta cedo?

— Ah, pois é. Se você se comportar, provavelmente ele voltará cedo.— respondi. Mas algo na maneira como ele saíra me dizia que ele passaria a noite inteira fora novamente.

Masako entrou pela cozinha até o quarto de três *tatami*, onde ficou sentada, olhando tristemente para fora da janela.

— Mamãe, meu feijãozinho está florescendo! — disse, depois de um tempo.

— Deixe-me ver... — a inocência da menina me deixou de olhos marejados — Não é que é verdade! Tomara que dê bastante feijões!

Do lado de fora da porta de entrada, havia uma horta de uns trinta metros quadrados. Antigamente, eu plantava várias verduras e legumes ali, mas, depois de três filhos, acabei ficando sem tempo para cuidar da hortinha. Além disso, meu marido, que costumava me ajudar na plantação, passou a não se importar mais com os trabalhos da casa. Nossos vizinhos cuidavam muito bem de suas hortas e sempre tinham ótimas colheitas. Em comparação, a nossa era uma desgraça vergonhosa, que só dava erva-daninha. Masako acabou plantando um grão de feijão do nosso racionamento lá, regou e cuidou por um tempo. Quando ele surpreendentemente brotou, tornou-se a única coisa da qual a menina se orgulhava. Ela não tinha nenhum brinquedo, então, sempre que ia aos vizinhos, só falava de seu feijão, de maneira nada modesta.

Ruína. Melancolia. Não, no Japão de hoje em dia, isso não se restringe apenas à nossa família. Especialmente entre as pessoas que moram em Tóquio, desanimadas, arruinadas, arrastando-se pela cidade como se mover-se fosse um insuportável esforço. Por onde quer que se olhe, sente-se a ruína de tudo ao redor. Nossos pertences foram todos queimados na guerra e, ainda assim, o sofrimento que isso causa não é a pior coisa. Mais que isso, há algo mais próximo, algo que, para uma mulher casada, é extremamente doloroso.

Meu esposo trabalhara quase dez anos em uma revista relativamente famosa do bairro de Kanda. Nos casamos há oito anos, por um *omiaï*⁷ dos mais comuns. Naquele tempo, as casas para alugar já estavam ficando raras em Tóquio. Depois de muito tempo, encontramos uma casinha nos subúrbios, perto da linha de trem que ia para o centro. Na verdade, parecia mais uma casa isolada no meio das plantações. Moramos aqui até a Segunda Guerra.

⁷ *Omiaï*. Casamento japonês arranjado.

Graças à sua saúde frágil, meu marido não fora convocado nem para o exército nem para os serviços civis, de modo que seguia indo todo dia para seu trabalho na revista. Quando a guerra foi ficando mais intensa, nosso subúrbio passou a ser mais bombardeado, pois era uma área em que havia uma fábrica de aviões. Uma noite, uma bomba caiu no pátio de nossa casa, atingindo o bambuzal do quintal e destruindo a cozinha, o banheiro e o quarto de três *tatami*. Era impossível nós quatro (além de Masako, Yoshitarô, o primeiro filho homem, já era nascido nessa época) vivermos apenas na metade não destruída da casa. Assim, eu levei as crianças para minha cidade natal, Aomori, enquanto meu marido permaneceu na casa, dormindo no quarto de seis *tatami* e indo para seu trabalho na revista como sempre.

No entanto, estávamos em Aomori por apenas quatro meses quando a cidade foi destruída por um ataque aéreo. Toda a bagagem que tínhamos levado até lá acabou sendo queimada no incêndio, e fomos, literalmente com a roupa do corpo, morar com um conhecido de lá, em uma das poucas casas que tinha sobrevivido ao ataque. Passando dez dias lá, como num sonho infernal, veio a notícia da rendição incondicional do Japão. Com saudade do meu marido, que estava em Tóquio, peguei as crianças e, parecendo quase mendigos, voltamos para a capital. Como não tínhamos outro lugar onde morar, chamamos um carpinteiro para fazer consertos gerais na casa semidestruída. De alguma forma, voltamos a viver como antes, pai, mãe e os dois filhos, sozinhos e aliviados.

Foi então que uma mudança começou a acontecer com meu marido.

A revista estava passando por problemas, os diretores começaram a discutir por dinheiro e a empresa acabou por falir, deixando meu marido sem emprego de uma hora pra outra. No entanto, por estar na profissão por tanto tempo, ele tinha muitos conhecidos. Assim, reuniu alguns que achava mais influentes e, juntando seus fundos, montaram uma editora (que parece já ter lançado dois ou três livros diferentes). Por falhas na compra de papel, no entanto, a empresa contraiu prejuízos demais e meu marido se endividou. Tentando liquidar as dívidas, todo dia ele saía de casa sem motivação e só voltava de noite, com uma aparência de esgotado. Ele, que sempre tinha sido uma pessoa reservada, tornou-se ainda mais calado, taciturno. De alguma forma, ele conseguiu cobrir as dívidas da editora, mas parecia agora ter perdido a vontade de fazer qualquer outra coisa na vida. Não que ele ficasse o dia inteiro dentro de casa. Ele levantava e, de pé na varanda, fumava e olhava morosamente por um longo tempo para a linha do horizonte, como quem estivesse pensando em qualquer coisa. “Ah, começou de novo”, pensava eu. Então, como sempre, respirava profundamente, como se seus pensamentos fossem demais para ele, jogava o cigarro meio fumado no jardim, pegava sua carteira da escrivania e guardava em seu quimono. E então saía com sua caminhada silenciosa, como a de uma pessoa abandonada pelo espírito. Saía pela porta da frente e geralmente não voltava mais pra casa aquela noite.

Ele era um bom marido, um marido carinhoso. Bebia, quando muito, uma dose de *saquê* ou uma garrafa de cerveja. Embora fumasse, o cigarro do racionamento era o suficiente. Em nossos quase dez anos de casamento, ele nunca me bateu nem sequer usou palavrões comigo. Claro, teve aquela vez, apenas. Meu marido estava com um convidado em casa, Masako devia ter no máximo três anos⁸. Ela foi engatinhando em direção ao homem e acabou derrubando sua xícara de chá. Meu marido me chamou, mas, como estava na cozinha, fazendo barulho ao atizar a chama do braseiro, acabei não ouvindo. Quando não respondi, meu marido, ainda que apenas aquela vez, veio à cozinha com uma expressão terrível no rosto, trazendo Masako no colo. Largando a menina no chão, me encarou por um tempo com um olhar de puro ódio. Ficou estático, sem dizer nada, até que, dando as costas para mim, voltou para a sala, batendo a porta da cozinha com um estrondo que ressoou em meus ossos. Eu tremi ao ver quão forte a raiva de um homem pode ser. É a única vez que lembro de ele ter ficado brabo comigo, de verdade. Apesar dos sofrimentos que tive, como todos na época, por causa da guerra, quando penso no carinho de meu marido, posso dizer que fui feliz nesses oito anos.

(Ele virou outra pessoa. Quando começou a mudar? Quando voltei de Aomori e o encontrei, depois de quatro meses, percebi seu sorriso furtivo, sua maneira de evitar meu olhar e sua atitude hesitante, e isso me pareceu apenas ter sido causado por algum desconforto ou cansaço de ter morado sozinho durante aquele tempo. Fiquei tocada, no início, mas, talvez, aqueles quatro meses tenham sido... não, melhor não pensar nisso, quando penso, só acabo me afundando ainda mais nesse pântano de desespero).

De qualquer forma, ajeitei o *futon* de meu marido ao lado de Masako, mesmo sabendo que seu pai não iria voltar essa noite. Pendurando o mosquiteiro sobre ela, não pude evitar sentir-me triste e sofreda.

II

Perto do meio-dia do dia seguinte, enquanto lavava as fraldas de Toshiko (nossa segunda filha, nascida na primavera) na borda do poço da frente de casa, vi que meu marido voltava, sorrateiro como um ladrão, com uma expressão suspeita no rosto. Entrou furtivamente e, ao me ver, não falando sequer uma palavra, apenas fez um movimento com a cabeça, à guisa de cumprimento. Ao fazer isso, prendeu o pé no chão e entrou tropeçando porta a dentro. Que ele abaixasse a cabeça para me cumprimentar, assim, involuntariamente, me fez pensar que ele talvez também estivesse sofrendo. Meu peito se encheu de compaixão e não consegui ignorá-lo. Parei de lavar a roupa e entrei na casa atrás dele, dizendo:

⁸ Três anos na contagem tradicional japonesa, em que a criança nasce com um ano de idade e faz aniversário no ano novo. Equivale mais ou menos a uns dois anos na contagem ocidental.

— Está com calor? Que tal tirar o quimono? Essa manhã chegaram, com o racionamento especial para o O-Bon, duas garrafas de cerveja. Botei elas para gelar, se você quiser tomar uma...

— Cerveja, que bom...— disse ele, com um riso desanimado. — Que tal tomarmos juntos?

Mesmo com essa bajulação descarada, respondi:

— Sim, eu o acompanho.

Meu falecido pai era um bom bebedor, talvez por isso eu fosse mais resistente para álcool que meu marido. Na época que tínhamos recém casado, íamos bastante os dois passear a pé por Shinjuku, bebendo nos bares. Meu marido logo ficava com o rosto vermelho e passava do ponto, enquanto eu não sentia nada além de um leve zumbido nos ouvidos.

No quarto de três tatames, as crianças estavam almoçando, e o pai, bebendo, semi-nu, com uma toalha molhada nos ombros; eu dava de mamar a Toshiko (acompanhei meu marido no primeiro copo e, para poupar a cerveja, acabei parando). Na superfície, poderia parecer uma família feliz. No entanto, havia uma tensão no ar. Meu marido evitava meu olhar e eu sentia que precisava escolher assuntos que não fossem dolorosos para ele. A conversa não fluía naturalmente. Masako e Yoshitarô, os mais velhos, percebendo essa atmosfera, não se sentiam à vontade para conversar, apenas molhavam o pão do racionamento no chá preto, comendo sem fazer barulho.

— Parece que beber de dia embebedada mais— disse meu marido.

— Sim. Você já está todo vermelho!

Foi então que vi. Uma mariposa violeta grudada em seu pescoço. Mas... Não é uma mariposa, é uma marca, uma mancha em forma de mariposa. Logo depois de nos casarmos, lembro de notar uma marca dessas nele. Ao perceber e entender o que era, me espantei. Meu marido, notando minha reação, puxou rapidamente a toalha de seus ombros, tentando desajeitadamente esconder a marca de mordida. Foi por isso, desde o início, que ele colocara a toalha sobre os ombros. Esforcei-me para fingir que não percebi.

— Masako, o pãozinho fica mais gostoso quando comemos junto com o papai, não é mesmo?

Tentei falar em tom bem-humorado, mas acabou soando como uma ironia direcionada a meu marido, o que torna o ambiente ainda mais opressor. Já estava chegando a um ponto insuportável quando o rádio do vizinho começou a tocar a Marselhesa. Meu marido imediatamente se virou para ouvir melhor.

— Ah, sim. Hoje é o dia da Bastilha— disse, para si mesmo, com um riso fraco. Então continuou, meio para mim, meio para Masako — No dia quatorze de julho, a revolução... — Começou a falar e parou. Ao olhar para ele, pude ver sua boca retorcida, com um brilho de

lágrimas nas pálpebras, uma expressão de quem se segurava para não chorar. Quase em prantos, continuou: — A Bastilha, uma prisão... foi atacada, né, pelas massas, se reunindo aqui e ali, e, desde então, a França, os banquetes de flores do Palácio de Primavera de Versalhes, foram perdidos para sempre, para todo o sempre, para sempre mesmo. Tinha que ser destruído. A reconstrução da nova ordem, de novos códigos morais, seria impossível para sempre, eles sabiam, tinha que ser destruído. ‘A revolução não acabou’, diria Sun Yatsen, logo antes de morrer. Uma revolução nunca acaba. O fim de uma revolução, talvez, seja algo que afinal nunca chegue. Ainda assim, uma revolução tem que acontecer. É a essência das revoluções, essa condição ao mesmo tempo triste e bela. O que de bom pode vir com isso, podem perguntar. É só isso, tristeza e beleza. E amor...

O hino da França continuava tocando, e ele chorava enquanto falava. Então, sem jeito, forçou um riso.

— Veja, seu pai deve ser um chorão — disse, desviando o olhar. Foi para a cozinha lavar o rosto — Não dá mais. Estou bêbado. Chorando pela Revolução Francesa. Vou é dormir — Dirigiu-se ao quarto de seis tatames, e, apesar do silêncio em toda a casa, eu sabia que ele estava lá encolhido, chorando escondido.

Não é pela Revolução Francesa que meu marido chorava. Mas talvez uma revolução na França se parecesse bastante com o amor em uma família. A necessidade de destruir, em nome da beleza e da tristeza, seja a romântica dinastia francesa ou a paz de uma família, é algo doloroso. E eu entendia a dor que meu marido estava sentindo. Ainda assim, eu o amava. Mas também nunca fui assim como Osan⁹, com seu lamento:

No peito de uma mulher
Será que habita um demônio?
Aaahhh
Ou será uma cobra?

Mesmo assim, ele passava por mim me ignorando, como se essas ideias de destruição e revolução não tivessem nenhuma relação com seu comportamento. Ele me deixava sozinha, abandonada para sempre no mesmo lugar, soltando sempre os mesmos suspiros tristes, sem nenhuma mudança aparente. O que será que nos iria acontecer? Devia orar para que os ventos da afeição de meu marido mudassem de direção? Teria que me submeter a isso? Tínhamos três crianças e, pelo bem delas, não podia me divorciar dele agora.

⁹ Osan. Esposa de Kamiya Jihei, da peça de teatro **Duplo Suicídio em Amijima**, de Chikamatsu Monzaemon. Jihei é um marido inútil que trai a mulher com uma prostituta, Koharu. Osan, apesar de seu sofrimento por ser traída e negligenciada pelo marido, ajuda-o a pagar pelo resgate de Koharu quando esta é sequestrada. No fim, os dois amantes se suicidam e Osan fica sozinha e sem perspectivas.

Quando meu marido ficava duas noites seguidas dormindo fora de casa, voltava, com peso na consciência, para dormir com sua família. Depois do jantar, ia para a varanda brincar com as crianças e até sua maneira de falar parecia uma forma artificial de tentar agradá-los.

Uma vez, pegou a mais nova de maneira desajeitada:

— Coisa gordinha, coisa lindinha! — disse.

— Sim, ela não é fofa?— eu respondi, sem nenhuma pretensão — Quando você vê as crianças, não dá uma vontade de ter uma longa vida para passar mais tempo com eles?

— Hm— ele respondeu, de forma tão sofrida que me fez suar frio.

Mesmo quando meu marido ficava em casa, dormia cedo, pelas oito, ajeitando seu *futon* junto ao de Masako, no quarto de seis *tatami*, e pendurando o mosquiteiro sobre os dois. Embora ela preferisse poder brincar com o pai um pouco mais, ele colocava o pijama nela e, apagando a luz, a colocava para dormir com ele. E só.

Então, eu tinha que botar os outros dois para dormir no quarto ao lado, de quatro *tatami* e meio. Depois, ficava costurando até as onze e, pendurando o mosquiteiro, ia eu também dormir. Dormíamos no formato do ideograma 小, e não o do ideograma 川, como se dizia que era o ideal.¹⁰

Frequentemente não conseguia dormir. Uma noite, no quarto do lado, meu marido também parecia insone. Ouvindo seu suspiro, eu também, suspirei e acabei, novamente pensando no lamento de Osan:

No peito de uma mulher
Será que habita um demônio?
Aaahhh
Ou será uma cobra?

Enquanto relembrava o poema, meu marido se levantou e veio ao meu quarto. Congelei. Mas ele apenas perguntou:

— Será que não temos remédio para dormir?

— Tínhamos, mas eu acabei tomando tudo ontem de noite. Não fez nenhum efeito.

— Quando você toma demais, não dá efeito— disse, com um tom insatisfeito. — Seis tabletes são a quantidade ideal.

III

¹⁰ O ideograma para “rio”, 川, consiste de dois traços mais longos e um menor no meio, e é frequentemente usado para representar uma família feliz, com os pais dormindo em volta do filho, que fica no centro da cama. Aqui, ela reverte essa comum analogia, com o ideograma para “pequeno”, 小, ou seja, ela dorme sozinha, com um filho de cada lado, sem o marido.

Os dias quentes se seguiam, um após o outro. Graças ao calor, e também às minhas preocupações, não vinha conseguindo comer. Meu rosto começou a ficar com os ossos saltados e meu leite para a bebê começou a secar. Meu marido também parecia ter perdido o apetite. Suas olheiras estavam profundas e ele tinha permanentemente nos olhos um brilho aterrorizante.

Um dia, começou a rir, como se tivesse rindo de si mesmo.

— Me sentiria mais aliviado se enlouquecesse.

— Acho que eu também.

— Não deveria haver sofrimento para as pessoas corretas. Eu realmente admiro vocês. Como conseguem ser tão sérios, tão lúcidos, o tempo todo? Será que as pessoas que vivem de forma honrosa sempre foram tão distante das outras?

— Não, acho que não. Uma pessoa como eu apenas é um pouco insensível. Mas no fundo, sinto que...

— Sente que...?

Ele me encarou com uma expressão de quem realmente tivesse enlouquecido. E eu hesitava, não conseguia falar. Senti tanto medo que não consegui dizer nada muito concreto.

— Sinto que, quando você está sofrendo, eu também sofro.

— Hm, que sem graça— disse, com um sorriso de quem parecia aliviado.

Nesse momento, de repente, eu senti uma leve felicidade, como há muito tempo não sentia. (É isso, se eu puder fazer meu marido se sentir melhor, também eu me sentirei melhor. Não é nem uma questão de moral. Apenas sentir-se melhor já seria o suficiente).

Tarde da noite, resolvi entrar no mosquiteiro de meu marido.

— Tudo vai ficar bem. Não se preocupe.— disse, e deitei-me ao lado dele.

— *Excuse me*— ele respondeu, em tom de brincadeira. Sentou no chão de pernas cruzadas. — *Don't mind, don't mind*¹¹.

A lua-cheia de verão estava clara, e quatro ou cinco feixes de luz prateados, passando pelas frestas do *amado*¹² para dentro do mosquiteiro, iluminavam o peito magro e nu de meu marido.

— Mas você tem emagrecido tanto... — disse, em tom de brincadeira, e, rindo, sento-me no chão como ele.

— Você também tem emagrecido. É porque se preocupa além do necessário.

— Não, é por isso que estou falando isso. Eu não me importo. Está tudo certo, eu sou esperta o suficiente para me virar. É só que, de vez em quando... cuide um pouco de mim!

¹¹ Em inglês no original. *Excuse me*, “com licença” ou “desculpe”. A expressão *don't mind* vem do inglês e é utilizada em japonês com o sentido de “não se preocupe com isso” ou “não tem problema”.

¹² *Amado*. Porta exterior das casas tradicionais japonesas, que é fechada para proteger da chuva.

Ri ao dizer isso, o meu marido rindo junto, mostrando seus dentes brancos iluminados pelo luar. Meus avós, que morreram quando eu era criança, brigavam bastante e, toda vez, minha avó dizia para meu avô: “cuide um pouco de mim”, com um sotaque forte do interior. Minha mente infantil não podia deixar de achar aquela frase muito engraçada. contei a história para meu marido depois de casarmos e sempre ríamos ao lembrar dela.

Ele riu de novo, como naquelas vezes, mas logo já voltou para a cara de marido sério.

— Mas creio que estou cuidando de você. Protegendo e cuidando. Você é realmente uma ótima pessoa, sabe? Se orgulhe e se acalme, sem se preocupar com coisas que não importam. É só em você que eu penso, o tempo todo. Só você. Nisso, você pode confiar por completo.

Falou com tal formalidade que esfriou o ambiente e me deixou sem jeito.

— Mas você tem mudado ultimamente— disse, abaixando o rosto num sussurro.

(Na verdade, eu ficaria mais aliviada e tranquila se você não pensasse em mim, se não gostasse de mim, se me detestasse. É infernal, que você pense em mim tanto assim, ao mesmo tempo em que vai para os braços de outra. Os homens não estariam enganados ao acharem que é seu dever moral pensar em suas esposas o tempo inteiro? É justo, é correto não esquecer da mulher, mesmo depois de ter arranjado uma amante? Não dá a impressão de que homens são sempre assim? Além disso, depois de começarem a amar outra pessoa, ficar soltando suspiros deprimidos na frente da esposa, mostrando sua agonia moral. Então a melancolia do marido acaba contagiando a esposa, que também começa com suspiros deprimidos. Se o marido simplesmente agisse alegremente, sem demonstrar nada, a mulher não viveria nesse inferno de pensamentos. Se ama outra pessoa, que esqueça da esposa, vá logo amar essa nova mulher.)

— Não mudei, não— respondeu ele, rindo com uma voz fraca — É só o calor dessa época. Não aguento esse calor. Este verão tem sido muito *excuse me*¹³.

Como não tinha o que fazer, apenas respondi:

— Você é uma péssima pessoa.

Disse isso rindo, fingindo que ia bater nele. Então, deslizei para fora do mosquitoireiro e voltei para meu quarto, deitando-me entre as duas crianças.

Acabei mudando o meu pensamento. Se pudesse, como hoje, brincar de leve com meu marido, contar piadas, sem me preocupar com o que era verdade ou enganação, que me importava o que era moral ou não? Mesmo que seja só por pouco tempo, poder beliscar meu marido ou ter risadas frequentes dentro de casa, poder viver tranquila, nem que seja por uma ou duas horas, já estava bom.

Até que uma manhã, de repente, ele me disse que queria ir para as águas termais.

¹³ Em inglês no original.

— Minha cabeça dói, eu não aguento o calor. Tem aquela fonte termal em Shinshû, perto de onde um amigo meu mora. Ele disse que podia ir visitá-lo quando quisesse, que não precisava nem me preocupar em trazer o arroz. Quero ir descansar por duas ou três semanas. Desse jeito, enlouqueço. De qualquer forma, tenho que fugir de Tóquio.

Imaginei que ele talvez queira viajar para fugir da amante.

— E o que eu faço se vier um ladrão armado, enquanto você estiver fora?— pergunto, rindo (Ah, pessoas tristes acabam rindo bastante).

— Diga para ele: ‘Meu marido é um louco!’. Ladrões não são páreo para loucos.

Sem razão para ser contra a viagem, fui tirar o terno bom do armário, um terno de verão, de linho. Procurei por tudo, simplesmente não está em lugar algum. Fiquei pálida.

— Oh, não! O que será que aconteceu? Será que entraram em casa, quando estávamos fora?

— Não, eu o vendi — respondeu ele, com um sorriso de quem vai começar a chorar.

Apesar da surpresa, forcei uma aparência calma.

— Que rápido!

— É. Sou pior que um ladrão armado.

Foi para aquela mulher, ele vendeu o terno em segredo porque precisava de dinheiro para ela. Não tinha dúvidas.

— Mas então, o que você vai vestir?

— Uma camisa simples.

Ele me disse isso de manhã e partiu ao meio-dia. Parecia querer sair de casa o mais rápido possível. Apesar da sequência de dias com sol de rachar, naquela manhã caiu de repente uma chuva de verão em Tóquio. Meu marido calçou seus sapatos e, com a mochila nos ombros, sentou-se irritado no degrau da entrada, esperando a chuva passar.

— Será que extremosas¹⁴ florescem só a cada dois anos? — murmurou de repente.

A extremosa de frente de casa não estava florescendo naquele ano.

— Parece que sim — respondi, vagamente.

E essa foi a nossa última conversa enquanto casal feliz.

Assim que a chuva parou, ele saiu correndo, como se estivesse fugindo. Três dias depois disso, saiu uma pequena notícia no jornal sobre um duplo suicídio no Lago Suwa.

Depois disso, veio uma carta dele, enviada de uma pousada em Suwa.

“Não é por paixão que estou morrendo com esta mulher. Sou um jornalista. Um jornalista apenas instiga os outros à revolução e à destruição, enquanto ele mesmo foge, discretamente secando seu suor. É uma criatura realmente esquisita. Um demônio da modernidade. Eu não consigo suportar esse ódio a mim mesmo, estou determinado a subir na

¹⁴ Extremosa, escumilha ou resedá. *Lagerstroemia indica*.

cruz como um revolucionário. O escândalo de um jornalista. Não é mesmo um caso sem precedentes? Se minha morte puder fazer esse demônio da modernidade enrubescer pelo menos um pouco e refletir sobre suas ações, fico feliz.”

E coisas do tipo. Uma carta cheia de coisas entediadas e absurdas. Será que homens têm que contar essas mentiras pretensiosas e vaidosas até o último momento de suas vidas?

Ouvi de um amigo de meu marido que a tal mulher tinha vinte e sete anos e era repórter na antiga revista onde meu marido trabalhara. Quando nos refugiamos em Aomori, ela vinha passar algumas noites aqui em casa e acabou engravidando. E era isso, basicamente. Morrer com discursos de revolução e tudo o mais confirmou a pessoa desprezível que meu marido sempre fora.

Revoluções são feitas para fazer as pessoas viverem felizes. Eu não confio no revolucionário de expressão trágica. Por que meu marido não podia ter amado aquela mulher alegremente, de forma aberta, para que até eu, como esposa, conseguisse também viver alegremente? O sofrimento de dois amantes pode ser profundo para o casal, mas esse amor infernal também é um terrível incômodo para as outras pessoas em sua volta.

Uma verdadeira revolução é uma rápida e leve mudança de espírito. Conseguindo-se isso, não deveria haver mais nenhum problema complicado. Que grande “cruz da revolução” ele deveria estar carregando, quando não conseguia nem mesmo mudar sua atitude em relação à esposa. Pensei isso no trem, viajando a Suwa com meus três filhos para buscar o corpo de meu marido. Mais que triste ou brava, estava em agonia com a estupidez sem sentido das ações daquele homem.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Osan. Tradução de Ariel Lara de Oliveira. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 139-149, 2017.